

O MISTÉRIO EUCARÍSTICO

Introdução

Nossa reflexão partirá dos documentos do Concílio Vaticano II, sobretudo a *Sacrossanctum Concilium* (Constituição sobre a Liturgia) que aborda o mistério eucarístico de modo novo, claro e retomando sua essência celebrativa. Veremos, ainda, o sentido teológico e litúrgico da Missa (Paulo VI) que começou a ser celebrada em 1970, substituindo a missa de Pio V (celebrada desde 1570). Mesmo havendo tal substituição o núcleo litúrgico continuou o mesmo, como também seu sentido espiritual, em alguns casos até enriquecendo algumas partes para demonstrar sua eficácia e abandonando outras que não acrescentava mais sentido. O Concílio para realizar essas mudanças dirigiu um olhar para as origens judaicas e cristãs da Missa para que pudesse e continuasse a ser o centro de toda a vida cristã (cf. IGMR, 16).

Ação de graças

Um dos termos que caracteriza o mistério eucarístico é **ação de graças** (*berakah/eucaristia*). Essas orações expressam um agradecimento pelo benefício recebido, ou seja, exprime uma resposta de abertura de gratidão, de louvor, profissão de fé, reconhecimento, adoração diante de Deus, diante do bem recebido. É, portanto, uma oração dirigida a Deus que nasce de um fato maravilhoso.

No contexto da ceia judaica a oração de *ação de graças* é agradecer a Deus pela **libertação da escravidão do Egito**. Este acontecimento é tão importante que se torna uma festa para os judeus (Páscoa/Pessach). Ela é uma *refeição* familiar onde fazem o *memorial* da refeição da passagem – carneiro e pães ázimos – conforme apresentado em Ex 12,11ss e do *memorial* da Aliança que constitui este povo liberto como o povo santo de Deus selado com o sangue, de um outro cordeiro, que é aspergido sobre o povo (cf. Ex 19).

Na Última Ceia, Jesus também celebrou com seus discípulos a mesma festa de libertação, porém, resignificando esse acontecimento para a sua vida. Ele nos libertará da escravidão do pecado e fará de nós o seu povo na nova Aliança do seu sangue.

Portanto, a Missa é o *memorial* da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo que se dá em refeição/alimento e nos constitui como seu povo, o povo da nova e eterna aliança (1Cor 11,23-24; Mt 26,26-28; Mc 14,22-25; Lc 22,19-30). A Missa é apresentada, portanto, na perspectiva do mistério pascal, como sacrifício de ação de graças, memorial do sacrifício da cruz e como Ceia do Senhor. Ela constitui o tesouro mais precioso que o Senhor Jesus deixou à sua Igreja. É compreendida como “sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura” (SC 47, cf. Sto Agostinho).

Celebração eucarística

Sabendo que somos o povo de Deus e que a Missa é *ação de graças* e *memorial de nossa salvação* atualizado por Jesus, faz-se necessário participar da missa por quais motivos? Escutar a Palavra de Deus e renovar a Aliança.

Sendo assim, “a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos. Ela cuida para que participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos na Palavra de Deus; alimentem-se na mesa do corpo do Senhor; deem graças a Deus”. Além disso, a Igreja cuida que os fiéis aprendam a oferecer-se a si mesmos com Cristo ao Pai, que vivam unânimes no amor, de tal modo que toda a sua vida se transforme numa grande oferta a Deus. E assim, unidos com Deus e entre si, Deus será tudo em todos. Trata-se, portanto, não só de celebrar o mistério pascal, mas de vive-lo no dia a dia (cf. SC 48).

A partir dessas motivações, a elaboração do ritual da eucarística se fundamentará em duas estruturas interligadas: *Liturgia da Palavra* e *Liturgia Eucarística* (cf. SC 56). Essa estrutura acontece porque existe uma assembleia reunida, reunida para OUVIR e para RENOVAR a Aliança, além de formar o *povo santo de Deus* que foi instituído no Monte Sinai e confirmado por Jesus na Última Ceia.

A primeira parte da Celebração eucarística é a *Liturgia da Palavra*, porém o culto não começa pelas leituras bíblicas, antes é precedida por acontecimentos que nos preparam e nos introduzem no tema litúrgico do dia (cf. IGMR 47). Esta preparação damos o nome de *Ritos Iniciais* que servem para reunir a assembleia, formar o povo de Deus, congregar seus filhos dispersos através de uma unidade eclesial. As partes desse rito são compostas pelo *cântico de entrada* que abre a celebração; acompanha a procissão de entrada dos ministros; fomenta a união de todos os presentes; introduz-nos no mistério litúrgico celebrado; *saudação do altar e da assembleia* onde o presidente da Celebração acolhe Cristo presente no altar e no seu povo; *ato penitencial* na Missa não tem a eficácia do sacramento da Reconciliação. Embora, a Missa tenha caráter de perdoar os pecados; *hino de louvor* onde a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro; *oração coleta* serve para o momento de silêncio para criar consciência de estar na presença de Deus e formular, interiormente, suas súplicas; expressa a índole da celebração.

Liturgia da Palavra

A Liturgia da Palavra enriquece e alimenta os fiéis com a *mesa da Palavra de Deus*, que do ambão é proclamada. Desde sempre a Igreja lê as Escrituras nas celebrações sacramentais. No entanto, essas leituras serão amplamente alargadas de modo que os fiéis tenham maior acesso as Escrituras (cf. SC 51). Esse momento se compõe essencialmente da proclamação da Palavra de Deus e da resposta da assembleia pela oração. Neste sentido, a primeira proclamação é tirada do Antigo Testamento ou do Novo (conforme o tempo litúrgico que se está) e nos domingos e solenidades é tirada do Novo Testamento. No entanto, há celebrações com mais de três leituras (Vigília Pascal). A proclamação da Palavra de Deus se prolonga no confronto da *homilia*; na resposta de assentimento da assembleia expressa pelos *cânticos*, *pelo Creio* e pela *oração dos fiéis*.

Pela proclamação de sua Palavra, Deus continua a falar ao seu povo; transmite sua mensagem/vontade; reúne o seu povo disperso; propõe sempre a aliança a assembleia reunida. A assembleia, escutando a Palavra e auxiliada pela homilia, descobre a mensagem; contempla e proclama cada vez mais as maravilhas operadas por Deus em seu favor; renova continuamente a Aliança com seu Deus. Ao recordar as maravilhas de Deus realizadas através de Cristo, a assembleia fortifica sua fé; aumenta sua esperança; intensifica o amor a seu Deus. Além de ter consciência de sua fragilidade, pede forças para cumprir a vontade de Deus, a exemplo de Cristo.

Dissemos, anteriormente, que a proclamação da Palavra de Deus se prolonga também nas respostas de assentimento da assembleia expressas pelos cânticos. Na liturgia não ocorre duas proclamações seguidas, pois entre elas realizam-se uma *interposição sálmica*. Ou seja, o cântico que segue a primeira leitura chama-se *Salmo responsorial*. Ele é parte integrante da Liturgia da Palavra e constitui uma leitura tirada do livro dos Salmos. A função desse cântico é proclamar, em forma de oração de ação de graças, as maravilhas realizadas por Deus em favor do seu povo. Sendo um cântico escolhido em vista da leitura que precede, não poderá ser substituído. Pois, nele Deus fala através da *atitude orante dos homens*. Outro exemplo de cântico de interposição é a *aclamação do Evangelho* que se refere ao que vai ser lido.

Se uma das funções da Palavra de Deus é nos confrontar perante Deus, a *homilia* explana essa Palavra e nos ajuda a despertar para a conversão dos pecados. Ela não é um momento de sermão, de exegese ou de catequese. Mas, é de contemplação do mistério de Cristo; é uma ajuda a descobrir as riquezas desse mistério. Ao despertar para a conversão dos pecados, nos desperta igualmente para os motivos de ação de graças e de louvor a Deus. Deve ter em vista a Palavra de Deus proclamada, o mistério celebrado e a assembleia ouvinte.

Em seguida, temos as respostas de assentimento da assembleia expressas nas orações do *Creio* e da *Oração dos fiéis*. Essas orações são respostas de louvor e de pedido à Palavra de Deus proclamada

(resposta do povo: “faremos tudo conforme o Senhor disse e seremos obedientes” – Ex 24,7; cf. 1Tm 2,1-2). A oração dos fiéis é o modo de a Assembleia exercer sua função sacerdotal de mediação, de louvor e de súplica.

Liturgia eucarística

A reflexão da Missa como banquete, ceia fraterna e ceia do Senhor nos prepara para o sentido do *ofertório* ou da preparação das oferendas. A Missa, como dissemos, é celebrada em forma de ceia, de igual modo que Cristo fez com seus discípulos. É o momento da segunda mesa de onde a assembleia se reúne em torno do altar para apresentar as ofertas do pão e do vinho. Durante a *oração eucarística*, o sacerdote repete os gestos de Cristo na Última ceia – toma o pão e depois o cálice – e essas espécies tornam-se para nós alimento (nos sacrifícios pagãos e judaicos inclui a manducação da vítima).

As quatro ações de Jesus na Última Ceia correspondem as quatro partes da Liturgia Eucarística:

- na preparação dos dons levam-se ao altar o pão/o vinho com água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos;
- na oração eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra da salvação e as oferendas tornam-se corpo/sangue de Cristo;
- pela fração do pão e pela comunhão, os fiéis, embora muitos, recebem o corpo/o sangue do Senhor.

Pão e vinho significam toda a criação de Deus, símbolo do trabalho dos homens e simbolizam Jesus Cristo. Assim, na hora do rito, estes sinais adquirem todo o seu significado na Missa, o pão/vinho exprimem a nossa vida, a nossa ação, aquilo que somos e o que fazemos, relacionado com Cristo. Com Ele, nós nos damos inteiramente, com todas as nossas qualidades e capacidades: todo o nosso trabalho, nossas realizações; toda a nossa vida, vivida na maior intensidade possível, a serviço do próximo, isto é, segundo a vontade do Pai. Como a vida inclui a morte, ela está incluída também na nossa. Todo este significado é expresso na oração: “bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida/cálice de salvação”.

Os fiéis reunindo-se para escutar a Palavra de Deus e renovar a Aliança respondem com a mesma oração procurando realizar a vontade do Pai. No ofertório estão todos representados pelo mesmo pão/cálice. Unindo-se numa mesma *oração eucarística* unem-se no louvor ao Pai por Cristo, em Cristo e com Cristo. Assim preparados, dispostos e reconciliados exclama o *Pai-nosso*, não meu Pai. Esta oração depois da oração eucarística é uma *resposta* da oração de louvor. Orientados todos ao Pai como filhos e consequentemente como irmãos, que podem participar da mesma mesa, do mesmo corpo/sangue de Cristo. Neste sentido, como filhos e irmãos que se amam e se perdoam é de importância, antes da comunhão, o *rito da paz*, pois só quem for capaz de viver a paz com o irmão pode participar da mesa do mesmo Pai.

Este é um banquete eucarístico, um banquete de ação de graças, de agradecimento, de louvor, de profissão de fé e, por isso, na comunhão, o homem aparece na presença de Deus e realiza aquele desejo de participar da vida e da imortalidade de Deus. Deus vem ao encontro do homem, em resposta gratuita à oferta de sua existência, vivida em conformidade com a sua vontade. Nos tornamos “iguais” a Deus e participantes da sua vida divina. Este banquete é sinal de união, de comum-união com Cristo e entre nós, É comparado ao Reino dos céus já inaugurado.

Por fim, *os ritos finais* encerram a celebração eucarística com uma saudação, bênção e despedida. A oração pós comunhão conclui o rito. Somos despedidos pela paz do Senhor para retomar nossas atitudes cotidianas, porém, agora, elas assumem um sentido mais amplo, pois quer dizer que “temos uma missão a cumprir!” Missão de paz com Cristo e com os irmãos; uma missão de viver com o Senhor, pois Ele nos deve acompanhar para sermos presença dele no mundo.

Referências

BECKHAUSER, Alberto. **Celebrar a vida cristã**. 6.ed. Petropolis: Vozes, 1996.

Instrução Geral sobre o Missal Romano. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2012;

Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2012;